

As "esquerdas" e as "direitas"

JORNAL DO BRASIL

23 NOV 1989

Luis Orlando Carneiro *

A polarização do segundo turno das eleições presidenciais entre o que se entende no Brasil por direita e por esquerda parece inevitável, ainda que o Presidente da CGT, Antonio Rogério Magri, ao anunciar seu apoio ao candidato Collor de Mello, garanta que o verdadeiro debate será entre "o moderno e o sectário".



Um resumo publicado, neste Jornal, de uma pesquisa patrocinada por empresas estrangeiras instaladas no Brasil acaba por concluir que o Brasileiro não tem ideologia política. Mas a pesquisa mostra também que grande parte da população está alheia a um debate de alto nível entre a modernidade e o sectarismo, preferindo pronunciar-se emocionalmente a favor do nacionalismo e contra a ganância do capital estrangeiro.

E não há dúvida, como já se viu

até aqui na campanha eleitoral, que essa postura emocional ajusta-se à posição ideológica da esquerda brasileira, que tem agora, com Luís Inácio Lula da Silva, uma oportunidade única de chegar ao poder. Quem não aderir à candidatura da Frente Brasil Popular será automaticamente remetido à direita. Ao contrário do Evangelho, que coloca os eleitos "à direita de Deus Pai", a Igreja progressista faz questão de tanger seus rebanhos para o aprisco do PT, que apregoa orgulhosamente sua condição de esquerda.

Portanto, por mais que se queira, não se vai abolir, nesta campanha decisiva, a velha dicotomia esquerda-direita, sobretudo quando os ideólogos (e teólogos) da luta de classes têm pela frente uma situação ideal: um operário versus um patrão. Resta ver se a escolha final do sucessor do presidente Sarney vai ser decidida pelos votos das esquerdas ou das direitas, tendo como pano de fundo a luta de classes, ou se a maioria do eleitorado vai optar tendo em vista identificações e idiosincrasias pessoais e regionais.

A soma dos votos dos candidatos considerados de esquerda, no primeiro turno, representou um

percentual de 43,37%, praticamente igual ao alcançado pelos candidatos tidos como de direita, que foi de 42,84%. Estes números não incluem a apagada performance de Ulysses Guimarães, que não chegou a ser influente nem à esquerda, nem à direita, nem os votos dos candidatos tipicamente alternativos (menos de 0,6% do total).

"A luta entre Collor e Lula será acirrada, levando a melhor quem tiver mais competência para conduzir os eleitores do interior às urnas."

Esta situação de empate técnico é mais favorável a Collor de Mello do que ao candidato das esquerdas, segundo a maioria das análises feitas em Brasília, não só por *colloristas*, mas também por parlamentares do PDT, a partir do pressuposto de que nem a metade dos 3.263.119 votos obtidos por Leonel Brizola

no Rio Grande do Sul será transferida para Lula.

Não se trata apenas da identificação dos gaúchos com o seu caudilho. Lembra o deputado Victor Faccioni (PDS-RS) que os dois últimos governadores (Jair Soares e Pedro Simon) fixaram na cabeça do gaúcho a convicção de que o estado vem sendo há oito anos discriminado pelo governo federal. Já se falou até em separatismo, recentemente, no Rio Grande do Sul. O eleitorado teria votado em massa em Brizola, portanto, também porque queria ter um gaúcho na presidência. Não terçará armas pelo *alienígena* Lula, como aliás já admitiu o presidente regional do PDT, Matheus Schmidt.

Fora Brizola, a esquerda fracassou no Rio Grande. A soma dos votos para Collor, Maluf, Afif (18,06%) foi bem superior à soma dos votos recebidos por Lula, Covas, Roberto Freire juntos (12,03%).

Com relação ao Estado do Rio, os estrategistas da candidatura Collor não estão tão confiantes como quando se fala no Rio Grande do Sul. Vão trabalhar para conquistar entre 20% e 30% dos 3.855.898 votos reunidos por Brizola vo-

tos, no entender deles, de cunho populista, não ideológicos. E a Brizolândia parece mesmo estar a fim de anular seus votos, para goáudio dos *colloristas*.

Em Minas, apesar da grande votação de Lula em Belo Horizonte, o candidato do PRN não precisa ter mais ganhos, se tiver os que espera no Rio Grande e no Rio de Janeiro. Somados, Lula e Brizola conseguiram dos mineiros 26,99% dos votos, contra 32,66% de Collor de Mello. Se funcionar a dicotomia esquerda-direita, não se deve esquecer que o postulante do PL, Afif Domingos, cujos votos devem migrar para Collor, atingiu a marca de 6,18%, à frente do candidato do PDT (5,14%).

Quanto ao Nordeste, onde as abstenções chegaram a 18,72% dos votos (apenas 7,95% no Sul e 7,40% no Sudeste), parlamentares da região opinam que a luta entre Collor e Lula será acirrada, levando a melhor quem tiver mais competência (e dinheiro) para conduzir os eleitores do interior, em pleno fim de semana, às cabines das sedes municipais.